

O rio azul

Sombro-me ainda: o bosque era tão verde, a arida
Tão fina, e em torno a voz das arvores, ninguém
Nos via; e enquanto ao pé cantara, uma serena
N'agua, n'agua ambos nós cantaríamos também.

Nós, descalços, com os pés sobre a axulaia vieja,
Tudo o rio, que o céu no puro olhar retém,
Corriamos, a' luz de que se veste e ardeia
A matta; e a mais o Amor levava-nos além.

E a agua nos fedeyara os corpos e d'outra;
— Voae, nadae dentro em mim! quero o vosso calor!
A agua sou do deserto, esterramente fria...

E ella, enquanto por cima a liana aberta em flor
Broava-a, do rio azul nas tuas mãos bebia
E dava-me a beber do rio azul do Amor.

Alberto de Oliveira



222 2786
1954



54.362

MS I-7, 12, 56B